

Estamos aqui para as curvas

Os anos passam, o cabelo tingi-se de cinzento e o corpo esmorece. As expectativas de vida assumem a mesma cor. E os bancos de jardim enchem-se de velhos melancólicos que jogam à bisca para passar o tempo. Esta é a imagem que, para muitos, a terceira idade ainda assume. Mas não andarão por aí idosos que recusam o cinzentismo e preferem o verde, símbolo da vida e da esperança? Através do Clube de Motards Veteranos conhecemos quatro exemplos disso mesmo. Personagens de 65 anos que fazem da velocidade um hobby. De moto em punho, percorrem as estradas com a mesma energia de há anos atrás. E a mensagem que deixam, em jeito de desafio, é simples: "Sigam-nos e vejam lá se nos apanham" | Texto de Maria Assunção Oliveira | Fotografias de Ângela Silvestre

Manuel Vaz Bacelar
65 anos

O jeitoso dos motores

Tem paixão pelas motos. Encontramo-lo de fato e gravata num stand de automóveis. Ainda não parou de trabalhar. Justifica: "Como aprecio as máquinas, junto o útil ao agradável". Um gosto que começou muito cedo e que o levou até às pistas de competição automóvel. "Diziam que eu era muito jeitoso com os carros. Entrei em provas pela primeira vez em 1957. As ajudas eram poucas. Desisti porque me casei e não havia dinheiro para tudo. As competições são caríssimas. Um campeonato de ralis pode custar entre 60 a 70 mil contos. Incomportável", queixa-se.

Em 1962 experimentou a sensação de subir numa moto pela primeira vez. Quis saber como funcionava um bichinho daqueles. "Explicaram-me, montei-me e, mais solução menos solução, consegui an-

dar naquilo". Mais tarde, em 71, comprou uma Yamaha 750 mas esqueceu a licença. "Vinha para Lisboa todos os dias até que pensei 'Epá ando para aqui a exibir uma moto espampanante que dá nas vistas que se farta e um dia calha: sou abordado pela polícia. É chato dizer que não tenho carta'. Acabei por legalizar a situação".

Devagar, adormeço

O micróbio da velocidade tinha-se instalado definitivamente. "Gosto de andar de moto porque me dá liberdade e divirto-me imenso. Recentemente, fiz uma prova, 'Portugal de lés a lés', 24 horas seguidas. Não me resenti nada. Oito dias depois peguei no carro, fui ao Algarve. Andar a 80 km/h desde Ourique até Vila Real de Santo António deixou-me de rastos". Não tem dúvidas: a inércia cansa-o. "Se conduzir a baixa velocidade adormeço. Não sou capaz de manter os 120 km/h. Conduzir depressa implica maior atenção, precisão e reflexos. Ao andarmos devagar podemos ter acidentes

com maior facilidade. Descontraímos, distraímos-nos, pegamos no volante com uma mão, a outra coça a cabeça e saímos da estrada. Está a ver a maçada?".

Mas então e os limites? São ou não para cumprir? Prontamente, responde: "Eles – os que mandam – definem esse limite ridículo só para caçarem multas. Toda a gente sabe que daqui ao Porto ninguém vai a 120. Sobretudo quando os carros e motos são cada vez mais potentes. Andar a essa velocidade é adormeecer. Os que andam a 50 é que são os perigosos". Para Manuel Bacelar é tudo uma questão de consciência. "O mal é que a maioria dos condutores não tem real percepção de velocidade e do espaço. Quando vêem um obstáculo a 200 metros não conseguem meter na cabeça que dois segundos depois estão em cima dele. Esse é o perigo. Nas ultrapassagens passa-se o mesmo".

Velhos são os trapos

Quando lhe perguntámos se se sente velho responde: "Nem pensar. É tudo uma questão de atitude. Conheço pessoas que aos trinta e tal anos estão decrépitas. Tenho um amigo com quarenta anos que recusou uma ida a uma concentração porque já estava velho para essas coisas. Eu avisei-o que quando chegar à minha idade andaré de muletas. Temos que assumir a idade, mas se gostamos de fazer isto ou aquilo porque é que não experimentamos? Podemos fazer menos, que os outros, mas fazemos, caramba! É uma questão de espírito. Ou se tem ou não se tem".

É por tudo isto que não se acanha de assumir que gosta de concentrações, de agitação, da borgia. Mas sublinha: "o maior deste género de convívios é a cerveja. Exagera-se muito. As organizações insistem nos shows de *striptease* para aliar os motards. Sem essas coisitas as pessoas não vão. Em Jerez de la Frontera, por exemplo, não é preciso recorrer às mulheres descascadas. A única coisa descascada que encontra é o maior risco. Simplesmente, adoro".

A família não partilha o mesmo gosto. A mulher experimentou subir numa moto uma única vez. "Uma viagem curta do Estoril a Cascais para comer um gelado. Nunca mais quis andar. Diz que não gosta. O meu filho também não liga. Fizemos uma viagem até Espanha e ele chegou lá mais cansado do que eu. As taças e medalhas que guardo nem sequer lhe despertam muito interesse". Aqui, o ditado filho de peixe... não se aplica.

Parar é morrer

No meio olham-no como uma ave rara. "Até já me deram os parabéns. Um jovem abordou-me e disse-me que apreciava pessoas como eu, que não desistem de fazer o que quer que seja só porque já são menos novos. Que gostaria de poder vir a ser assim. Eu disse-lhe: 'Então portas-te bem, com juizinho e talvez consigas'".

Garante não sentir grandes alterações físicas que provem o peso da idade. A agilidade é quase a mesma e os reflexos mantêm-se. "A única diferença é que se a moto cair já não sou capaz de a levantar. Evidentemente que não posso esperar ter a mesma força de há anos atrás. Mas com o passar do tempo parece que criei uma espécie de ressentimento. Consigo antecipar as reacções dos outros condutores e preparar-me para os perigos. Sabe, são muitos anos disto... Tantos que há quem pense que devia deixar-me de loucuras". E recorda: "Quando comprei a penúltima moto – uma Suzuki 600 – o dono do stand perguntou-me se a moto era para o meu filho. Quando lhe disse que era para mim olhou-me como se eu fosse um velho maluco. Se calhar, se comprasse uma *scooter* já não se espantava", ironiza.

Confessa que detesta ver pessoas da sua idade sentadas nos jardins a jogar às cartas. "Estão para ali à espera da morte. Se calhar não podem fazer certas coisas que implicam despesas, mas há tantas outras que não exigem dinheiro. Um passeio, um *hobby*. Não podem é pensar que estão demasiado velhos. Que isto ou aquilo já não é próprio para a sua idade. Balelas! Se gosta, se pode, se quer, força. Tenho consciência de que no dia que não me sentir activo, fico em casa e morro. Mas aceito a morte com naturalidade. Não tenho medo. Até lá, faço tudo o que me dá na gana. Andar de moto é uma delas. Apanha-se frio, chuva, calor, vento, mosquitos. É de doidos, mas eu gosto, se calhar porque sou um deles..."

Alfredo Nogueira da Silva
65 anos

Um "geada" com uma "ganda" moto

Nem sequer gostava de motos quando era mais novo. "Todos os meus irmãos andavam de bicicleta ou já tinham moto. Eu gostava mais das máquinas de quatro rodas".

Em 1975, após a Revolução, rendeu-se. "O País atravessava uma crise a todos os níveis, o sector automóvel, em que trabalhava, não era excepção. Os dias no stand eram passados à porta a ver quem passava. Certo dia, apareceu-me um fulano que me pergunta se ali se compravam motos. Conversa puxa conversa e disse-me que tinha uma Yamaha DT, que havia trazido de Angola, para vender. Decidi comprá-la. Só para experimentar. Custou-me 11 contos".

Correu o País de Norte a Sul, sempre por montes e vales. Sem carta. "Um risco que corri com alguma irreverência. Mas em 76 acabei por tirar a licença". Daí até às provas foi um pulo. "Devassei Sintra de ponta a ponta. Percorri todos os recantos de Lisboa. Naquele tempo, a capital era uma aldeiazinha parva. Um paraíso para os machos. As senhoras ficavam em casa. Uma chatice. Hoje, tudo é diferente e andar de moto tornou-se mais uma necessidade e menos um prazer. Para chegar mais depressa, para estacionar sem problemas".

Contudo, para Alfredo Silva, o gozo é ainda o sentimento que prevalece. Fala das sensações que a velocidade lhe proporciona, da liberdade que sente sempre que viaja de moto. "Gosto de andar sozinho por aí. Evito as molhadas. Não há nada melhor do que contactar com a Natureza. Andar montado. Tal e qual. Sinto-me mais próximo das raízes". E explica melhor: "O Homem pode ter evoluído muito a nível técnico, mas o ser humano, os instintos, não mudaram assim tanto. O vento a bater na cara, o contacto físico com o mundo são prazeres que ainda não desapareceram. Talvez por isso sejamos apelidados de guerreiros do asfalto, quase primitivos".

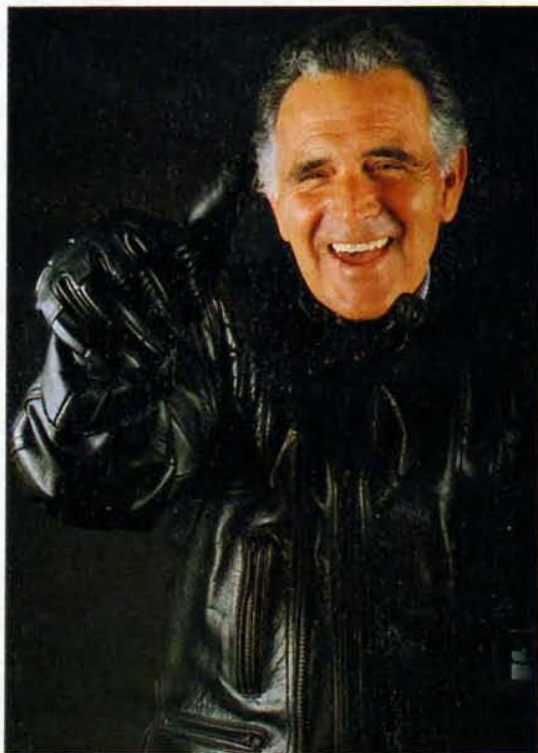
Tolerância Zero ao álcool, já!

O peso dos seus 65 anos também parece não o ter afectado. Aparen-

temente, nada mudou: "Estarei mais responsável? Hesito mais nas curvas? Acho que não. Ainda me divirto tanto, apesar de ter mais medo, mas é esse temor que me faz vibrar". Gosta de desafios, de ultrapassar os limites e não vira costas ao receio. Enfrenta-o. "No nosso País podemos ter o privilégio de nos depararmos diariamente com enormes desafios. As nossas estradas são um constante estímulo à coragem. Os limites de velocidade impostos são para fazer rir. Quer coisa mais hilariante que comprar uma moto ou um carro equipados com tudo e mais alguma coisa, capazes de velocidades acima dos 200 km/h e depois não poder ultrapassar os 120? Não é fantástico?", ironiza.

Condena a falta de consciencialização e civismo por parte quer dos condutores, quer das autoridades: "O álcool é o verdadeiro inimigo da segurança. A velocidade é apenas o bode expiatório. Tolerância zero para o álcool, já!" Também aponta o dedo à falta de inspecções médicas que poderiam – caso existissem ou fossem fidedignas – atestar a capacidade de condução. "Há por aí gente na estrada que devia ser impedida de conduzir. Não sabem, não podem, não têm jeito, enfim... é triste verificar que as soluções certas estão dirigidas para os alvos errados. No nosso País, a questão da velocidade e dos limites é muito conservadora. Com este tipo de raciocínios o Homem não teria chegado à Lua".

Não aceita a definição de radical. "Os motards são homens vulgares que têm



em comum a mesma paixão, ponto final. Se há os que se juntam para ir à pesca ou à caça, os motards juntam-se para mostrarem e verem as motos uns dos outros. Uma concentração não é mais do que a reunião de um conjunto de pessoas com o mesmo objectivo".

A propósito de concentrações, admite que "gosta daquilo". Elege a de Faro e a de Jerez como as melhores. "São uma espécie de feira temática, como a do gado, por exemplo. Uma excelente oportunidade para apanhar um pifo com os amigos". E é precisamente aí que percebe que alguns motards mais novos o olham de lado: "Do tipo, *olha o geada com uma ganda máquina*". Mas isso, explica, "deve-se mais à moto que dá muito nas vistas, embora eu faça tudo para passar despercebido". É talvez por essa razão que pretende trocar a imponente BMW RT 1100 pela genica de uma Aprilia: "A minha actual moto pode ser bonita mas não me satisfaz. Não lhe aponto nenhum defeito, é excepcional, mas é lenta no arranque e na travagem. Não dá muita pica".

Mas não será a tal "pica" um tanto desadequada a um senhor de 65 anos? Com um ar visivelmente espantado, responde: "Que disparate! Qual é a diferença de há uns anos atrás? Os cabelos brancos? O espírito é o mesmo. Posso sentir esta ou aquela dificuldade acrescentada, mas, tal como há 30 anos, faço o que posso e o que me deixam".

Há tanta coisa boa para fazer

O optimismo transborda do seu olhar. "As coisas mudam, não necessariamente para pior. Considero que cheguei a um patamar mais alto. A acumulação de conhecimentos, a experiência, permitem-me olhar para as coisas com outros olhos. Os de quem tem mais tempo. Os de quem já está lá em cima, no topo da

vida. E quanto mais alto subimos, melhor vemos, mais coisas vemos. Uma regra básica da física, não é?".

E a terceira idade? Como a encara? Perante esta interrogação, encolhe os ombros: "Quando lá chegar, penso nisso". Para Alfredo Silva, parar é morrer. Os limites vão até onde a condição física permitir. "Os bafejados pela saúde não devem acabar os dias em frente à televisão, de braços caídos. Há tanta coisa boa para fazer. Museus para visitar, passeios para dar. Tantos livros para ler. Já para não falar do sem-número de esplanadas fantásticas onde podemos estar tranquilamente a ler o jornal e a apreciar as garotas que passam".

Tem um único receio, a invalidez. A dependência total de terceiros. Prefere nem pensar nisso. Para já, é feliz com a vida que lhe calhou em sorte. Uma família grande e unida: "Espero ainda ver crescer mais meia dúzia de netos, ter um barco e viajar muito. Quem sabe, atravessar o deserto do Sara".

**Manuel dos Santos Martins
65 anos**

Sou livre

Desde gaiato que adora corridas. Graças às vantagens proporcionadas pelas paisagens de Angola. Rectas a perder de vista, nenhuma restrição. À semelhança de tantos outros, começou por experimentar os automóveis. A acelerar nas competições. Com 35 anos desiste. Os patrocínios faltaram e a coragem para acelerar nas curvas também. Foi por essa altura que os veículos de duas rodas invadiram a sua vida. "Já era entradote quando me virei para as motos, tinha perto de 40 anos, uma idade em que para muitos a palavra-chave é arrumar as botas. Eu,



pelo contrário, calcei-as".

Com a idade que tem, admira-se da sorte que o desviou dos acidentes graves em competição: "Fui ao charco duas vezes, sem consequências de maior.

Mas isso passava-se em terra batida, na vastidão de Angola. O grande perigo são as cidades, em que cada um faz o que quer, anda por onde quer e não respeita ninguém. E como não podia deixar de ser, o meu único grande acidente passou-se já em Portugal. Escavaquei-me todo. A moto morreu".

Desdobra-se em pormenores. Fala de motores, de cilindradas, de dois e quatro tempos, de cavagem, de marcas. E opina. Muito. Parece saber do que fala. Aproveita para esclarecer os ignorantes que insistem em chamá-lo motoqueiro: "Um apelido foleiro e desprestigiante. A designação correcta é motociclista, mas há quem tenha a mania dos estrangeirismos e prefira a palavra motard. Também está correcto. Tudo menos motoqueiro...".

E você achava que os microondas eram todos iguais...



Revestimento em Cerâmica Enamel

Permite uma difusão mais homogênea do calor, preservando a humidade natural dos alimentos. A Cerâmica Enamel não riscas e não perde a cor. Não tem porosidades, o que impede a acumulação de resíduos, tornando o microondas mais fácil de limpar.



Compre um microondas, ganhe uma panela a vapor.

Microondas Digital CE 2774. Com grelhador.

Linha verde 800 220 120

SAMSUNG

*Válida para os modelos CE 2674, CE 2614, CE 2774 e CE 2794. Promoção limitada ao stock existente.



Andar a pé também é um risco

Gosta da rapidez e das vantagens que uma moto proporciona. "Evitamos estar horas em filas de trânsito, estacionamos com maior facilidade. Já para não falar da sensação de total liberdade Sente-se a adrenalina subir. É um escape, uma euforia. Tenho consciência de que um embate a alta velocidade é morte certa, mas andar a pé também é um risco."

Queixa-se dos rails que delimitam as estradas: "São autênticas lâminas. Ao cairmos arriscamo-nos a morrer, não da queda, mas por causa das divisórias que nos podem cortar ao meio".

Quanto ao civismo, admite que "a coisa está melhor. Há uns anos, os automobilistas apertavam de tal maneira que não havia hipótese de passar pelo meio. Hoje já se afastam, embora continuem a olhar-nos como marginais. Inveja por nos verem passar por eles na bisga, ziguezagueando com muita habilidade". Manuel Martins não tem dúvidas: "O motociclista tem os reflexos muito mais apurados de que qualquer outro condutor. Os automobilistas, os enlatados, sobretudo os do outro lado do rio, são autênticos pastéis. Talvez devido ao clima alentejano. Andam muuuito devagarinho. Abrem pisca em cima dos cruzamentos, curvam a dez à hora. Eu nunca vi isto em lado nenhum".

Para este motard, as causas dos acidentes resumem-se ao excesso de teoria e à falta de prática. "Os exames são

muito exigentes, com muitos truques. As pessoas passam e depois verificam que a realidade é totalmente diferente. A maioria dos condutores, no primeiro ano, não sabe conduzir. Durante esse período andam devagar, com muito cuidado, e safam-se. No segundo ano, armam-se em Fangios e começam a abrir. Está visto, mais dia menos dia, estampam-se".

Eu e a minha CBR 600

A idade trouxe-lhe responsabilidades. Outra forma de encarar as coisas. Hoje em dia, prefere os passeios às concentrações: "É muita balbúrdia, muita confusão. Mas atenção, gosto da farra. Se me querem ver a abanar o capacete, procurem-me nas docas. Estou por lá, no meio da maralha, a fazer das minhas".

José Maria Silva
65 anos

Amante de duas rodas

Liberdade e evasão de espírito. Estas são as sensações que José Maria retira da sua moto. "Ajuda a esquecer os problemas do dia-a-dia. Transforma-nos em seres poderosos e pouco ajuizados. Em cima de uma moto não há ninguém que não experimente desafiar os limites". Mas as vantagens não ficam por aqui. "Se as pessoas soubessem o que poupariam em tempo e combustível dispensavam os automóveis". Descobertas que foi fazendo ao longo de uma vida ligada às duas rodas. "Tinha vinte anos quando comprei uma Zundap. Eram outros tempos. Quem não podia ter um carro comprava uma motorizada. Nos dias que correm passa-se o contrário. A moto acaba por ser o veículo de passeio, dos fins-de-semana. Um luxo".

"A idade é definida por nós. Mal dos que se sentam no banco do jardim... A morte encontra-os depressa"

Está reformado. Trabalhou toda a vida como bancário. "Agora sou livre. Vou para onde quero, sem horários, nem gravatas. O ideal teria sido reformar-me aos vinte anos. As maluquices que eu faria... Mas agora também as faço, sempre a esgalhar. Sei que não devo, mas quem me segura? As leis? Garanto-lhe que a maioria dos polícias que batem as estradas são uns azelhas a conduzir".

Não teme o futuro. "A velhice não me assusta. Estou aqui para as curvas. Se já não for a 200, vou a 180. O importante é curvar. Fisicamente posso sentir-me diferente. Espiritualmente sou um *teenager* inconsciente. Mas com regras: podem apanhar-me por excesso de velocidade mas com álcool, nunca".

Considera-se um sortudo. "Tenho uma boa reforma que me permite fazer algumas extravagâncias. Sou feliz. Tenho os meus filhos, que me acompanham nas loucuras, embora por vezes pense que sou mais louco do que eles. Consigo surpreendê-los. Eu a minha CBR 600. Ao pé de mim... coitados."

E a morte amedronta? "Receio a dependência. A morte, não, embora pense nela. Gostava que chegasse rápida e fulminante. Assim, num segundo".

E é por isso que se considera privilegiado. Hoje, percorre o País com a calma de quem já não tem pressa de chegar. "Já não arrisco grandes velocidades. Mantenho-me na casa dos 100, 120, vá lá... 180 quando puxo por ela". E os olhos brilham quando fala "nela". Descreve-a como gente, com adjectivos que lhe conferem uma espécie de alma.

Escolheu uma Harley Davidson por acreditar tratar-se da moto das motos. Uma máquina imponente, agressiva que parece não combinar com a aparência pacata, quase humilde deste motard. "Há quem pense que as Harley são as motos dos vilões. Os tais feios, porcos e maus que os filmes exploram até à exaustão. Felizmente que, aqui em Portugal, as coisas não são vistas assim. Já aparecem muitos cavalheiros distintos com este tipo de moto".

Por cima de toda a folha

O carácter calmo e tranquilo afasta-o da confusão das concentrações. "Antigamente gostava mais. O espírito era outro. Havia mais união, mais apreço pelas motos. Hoje em dia, a malta reúne-se para se engrossar e fazer cavalinhos. Já